

**RESSIGNIFICAÇÕES DE ANACAONA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL
HAITIANA:
ANACAONA, AYITI'S TAINO QUEEN/ ANACAONA, LA REINE TAINO D'AYITTI
(2012), DE MARYSE NOËL ROUMAIN – ENFRENTAMENTOS COM OS
ESCRITOS OFICIAIS**

**THE RESIGNIFICATIONS OF ANACAONA IN HAITIAN INFANT-JUVENILE
LITERATURE:
ANACAONA, AYITI'S TAINO QUEEN/ ANACAONA, LA REINE TAINO D'AYITTI
(2012), BY MARYSE NOËL ROUMAIN – CONFRONTATIONS WITH OFFICIAL
TEXTS**

DOI 10.20873/uft2179-3948.2021v12n3p288-300

**Carlos Henrique Lopes de Almeida¹
Michele de Fátima Sant'Ana²
Tatiane Cristina Becher³**

Resumo: Neste artigo, pretendemos demonstrar que, apesar de não figurar nos anais da história tradicional como personagem feminina resiliente, a atuação de Anacaona – cacica taína da ilha de Guanahaní – representou significativamente os enfrentamentos indígenas perante a exploração espanhola no período da colonização da América. Para isso, realizamos a análise comparativa de uma das ressignificações de Anacaona na literatura infantojuvenil haitiana: *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'ayiti* (2012), de Maryse Noël Roumain. A narrativa híbrida foi comparada com registros reconhecidos da historiografia tradicional. Para tanto, baseamo-nos nas teorias de autores como Zilbermann (1985), Coelho (2010), Luft (2010) e Fleck (2017).

Palavras-chave: literatura comparada; narrativas híbridas de história e ficção; literatura infantojuvenil; *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'ayiti* (2012); Maryse Noël Roumain.

Abstract: In this article, we intend to demonstrate that, despite not appearing in the annals of traditional history as a resilient female character, the actions of Anacaona – taino cacica of the island of Guanahaní – significantly represented indigenous confrontations with Spanish exploitation in the period of colonization of America. For this, we carried out a comparative

¹ Mestre e Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás – UFG/Goiania-GO. Integrante do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: carloshlalliteratura@gmail.com. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-2037-905X>.

² Mestre em Letras pelo Profletras-Unioeste/Cascavel-PR, Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste/Cascavel, PR. Integrante do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, liderado pelo Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck. E-mail: michelefsantana@gmail.com. Orcid ID <https://orcid.org/0000-0003-1422-9503>.

³ Mestre e Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Cascavel-PR. Integrante do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: taati.becher@gmail.com. Orcid ID <https://orcid.org/0000-0002-3643-0446>.

analysis of one of the re-meanings of Anacaona in Haitian infant-juvenile literature: *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti* (2012), by Maryse Noël Roumain. The hybrid narrative was compared with recognized records from traditional historiography. In order to do that, we base ourselves on the theories of authors such as Zilbermann (1985), Coelho (2010), Luft (2010) and Fleck (2017).

Keywords: comparative literature; hybrid narratives of history and fiction; infant-juvenile literature; *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti* (2012); Maryse Noël Roumain.

Introdução

A história do descobrimento da América é majoritariamente reconhecida como oficial com base nos documentos escritos por exploradores dos séculos XV e XVI. De maneira geral, os autores desses registros foram homens europeus, os quais buscavam novas terras e reportavam suas descobertas aos monarcas. Há, no entanto, uma série de questões que foram tangenciadas durante a elaboração desses registros, ou seja, a escolha da organização dos acontecimentos, necessariamente, exclui outras perspectivas e informações, devido à impossibilidade de representar a totalidade dos feitos. Dessa forma, as fissuras deixadas durante as escolhas do discurso histórico são matérias para as narrativas híbridas de história e ficção na área da literatura. Segundo Fleck (2017),

Nesse sentido, a tarefa de “mostrar” a “verdade” do acontecido pela escrita da história é, de qualquer modo, mediada pela construção de um discurso no qual atua um narrador que, subordinado às ações do sujeito que o elabora como ente narrativo, faz recortes e (re)apresenta determinado acontecimento passado – agora, convertido em palavras articuladas em um discurso – a terceiros. Há, portanto, na atuação do historiador, um processo de (re)organização dos acontecimentos e uma configuração imaginativa das personagens presentes na narrativa. (FLECK, 2017, p. 29).

Podemos constatar, portanto, a impossibilidade de uma narrativa neutra perante os fatos da história, o que permite criar espaço para outras vozes anteriormente ocultadas pelo discurso hegemônico historiográfico. Esse discurso, durante muito tempo monológico, marginalizou sujeitos que participaram ativamente dos feitos narrados na história da expansão marítima europeia e da colonização das Américas. Na literatura, vários desses sujeitos foram representados e ressignificados por meio de narrativas híbridas de ficção e história, não apenas na literatura adulta, a partir do gênero do romance histórico e suas diferentes fases e modalidades (consoante a FLECK, 2017), mas, também, na literatura infantojuvenil, as quais, segundo Luft (2010), podemos considerar narrativas juvenis contemporâneas da linha do

romance histórico, ou seja, que são elaboradas com base em momentos históricos, a partir de dados registrados nos anais da história tradicional.

Uma dessas figuras apagadas pelo discurso da história da América foi a de Anacaona, cacica de uma comunidade taína, que residia na ilha de Guanahani (batizada “*La Española*”, por Colombo, em 1492) – território insular que acabou abrigando as hoje nações do Haiti e da República Dominicana. A autóctone foi enforcada e teve sua comunidade dizimada pelos espanhóis durante o período da colonização espanhola na América Central. Pretendemos, por meio deste artigo, demonstrar como as ficcionalizações de Anacaona na literatura infantojuvenil retratam a atuação dessa autóctone na história da América, uma figura feminina de resiliência e resistência nativa frente à invasão espanhola. Sua atitude de liderança, de enfrentamento e de coragem a levou a ser morta, assim como seu marido, Caonabó. Mesmo assim, as menções a essa personagem são ínfimas em alguns dos documentos mais disseminados pela historiografia tradicional europeia.

Para tanto, propomos a análise comparativa do *corpus* selecionado, no qual encontra-se inserida a obra infantojuvenil *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/ Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti* (2012), de Maryse Noël Roumain, autora haitiana. O texto da obra é escrito em inglês e em francês (versão bilíngue) e, para nossa análise, utilizamos a versão da narrativa em língua inglesa. Comparamos esta narrativa híbrida com alguns registros reconhecidos, como o Diário de bordo (1492-1493) e as Cartas (1493-1506), de Cristóvão Colombo, e os relatos do frei Bartolomeu de Las Casas (1552 [2011]).

As ressignificações de Anacaona na literatura infantojuvenil

A literatura infantojuvenil contemporânea tem apresentado uma gama cada vez mais ampla de temáticas abordadas, envolvendo, com base em Luft (2010), questões como: relações amorosas, temas intimistas, abordagens de cunho social, histórico, policial, investigativo, temáticas populares, elementos fantásticos, terror, suspense, humor e intertextualidade. A obra infantojuvenil haitiana pertencente ao *corpus* deste artigo aborda questões de cunho social e histórico, assim como temáticas populares de valorização da cultura indígena.

Luft (2010) ressalta que a temática de revalorização da cultura popular tem ganhado cada vez mais espaço no mercado editorial juvenil brasileiro, publicando obras que apresentam influências africanas ou indígenas, valorizando culturas populares por meio da recuperação bem-humorada de contos, lendas e mitos, aliada à redescoberta do índio, não mais idealizado

como no período romântico. Segundo a autora, Daniel Munduruku lidera um movimento de divulgação da cultura indígena no Brasil e já publicou mais de trinta livros editados.

Ao considerar as temáticas emergentes no cenário brasileiro de literatura infantojuvenil, Luft (2010) baseia-se na investigação de Teresa Colomer, pesquisadora espanhola autora do estudo “A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual”, no qual categorizou narrativas infantis e juvenis publicadas na Espanha entre 1977 e 1990.

A narrativa juvenil brasileira contemporânea conta, também, com outras duas fortes tendências, de grande representatividade, pouco mencionadas no estudo de Teresa Colomer, ou indicadas como pouco recorrentes: as obras de cunho histórico e aquelas em que as referências intertextuais configuram o elemento principal de organização dos textos. (LUFT, 2010, p. 126).

Zilbermann (1985) enfatiza que, quando tratamos sobre a literatura infantojuvenil, é necessário pensar em seu público e, principalmente, vê-los não como seres dependentes, pequenos e de precário saber, mas sim como leitores, com a possibilidade de compreender, subjetivar e ressignificar suas leituras de forma consciente, reflexiva e criadora de novos símbolos e interpretações. E, justamente por isso, destacamos as produções literárias infantojuvenis que se preocupam com a ressignificação histórica mediante o diálogo profícuo entre ficção e história desde os primeiros contatos do indivíduo com a literatura.

Segundo Coelho (2010), não existe um ideal absoluto de literatura infantojuvenil, nem de qualquer outra escrita literária, pois será considerado adequado aquilo que corresponder a determinada necessidade do tipo de leitor a que ela se destina. A autora classifica as tendências da nossa literatura infantojuvenil contemporânea em três diferentes linhas de intenções: a realista, a fantástica e a híbrida. A linha realista busca expressar a realidade do cotidiano, acolhida ou conhecida pelo senso comum do leitor. A literatura fantástica, por sua vez, apresenta um mundo maravilhoso, criado pela imaginação, que existe fora dos limites do “real” e do senso comum. Já a literatura híbrida parte do “real” e, nele, introduz o imaginário ou a fantasia, anulando os limites entre um e outro. Conforme expressa Coelho (2010):

[...] ainda na esfera da “literatura híbrida”, destacamos duas correntes que dia a dia vêm crescendo em valor literário e importância histórica. Ambas vêm “escavando” nossas origens de povo: a corrente das narrativas indígenas e das narrativas africanas. De maneira comovente ou divertida ou fantástica, as histórias/estórias recuperadas/reinventadas de um passado remoto vão revelando aos pequenos leitores peculiaridades de dois povos, tão diferentes entre si e que, por artes do destino (ou de Portugal?), acabaram fazendo parte das raízes da nossa brasilidade. (COELHO, 2010, p. 291).

A obra *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti* (2012), de Maryse Noël Roumain (versão bilíngue – inglês e francês) representa uma dessas narrativas atuais da literatura infantojuvenil haitiana que valoriza a cultura popular indígena e baseia sua narrativa a partir de um viés histórico. A obra ficcionaliza a figura de Anacaona como protagonista, apresentando uma perspectiva diferente daquela figurada nos registros oficiais sobre a história da conquista da América.

Por amalgamar elementos ficcionais com dados provenientes da história, podemos classificar essa obra como uma narrativa híbrida de história e ficção da literatura infantojuvenil, pois, assim como no romance histórico, em concordância com Fleck (2017), baseia-se no entrecruzamento do discurso histórico e as premissas da ficção. Como a obra aqui analisada pertence à literatura voltada ao público infantojuvenil, não se considera possível classificá-la da mesma maneira que a literatura adulta, a qual é categorizada a partir das diferentes modalidades do romance histórico. Podemos, no entanto, identificar traços da narrativa que se aproximam de modalidades específicas do romance histórico nessa obra híbrida de história e ficção sobre a qual nos voltamos nesta análise.

Segundo Fleck (2017), tanto a história quanto a ficção, apesar de apresentarem diferenças basilares, são ambas produtos de linguagem, ou seja, narrativas construídas a partir de uma visão influenciada por determinado contexto sócio-histórico e cultural. O autor aponta diferentes fases na trajetória de relações entre os discursos histórico e ficcional – períodos de união, separação e conciliação, com ressalvas. Essas fases também representam o ambiente no qual nascem diferentes possibilidades de escrita híbrida de história e ficção, como epopeias, crônicas, relações, o romance histórico e suas transformações, que na atualidade constituem diferentes modalidades do romance histórico.

A obra de Maryse Noël Roumain, como uma narrativa que entrecruza o discurso histórico e ficcional, assegura seu caráter de verossimilhança por meio de referências a nomes figurados nos documentos oficiais da história, tanto de pessoas – Cristóvão Colombo, Anacaona, Caonabó, Bohechio, Nicolas Ovando e a rainha Isabel de Castela (“*Queen Isabella of Spain*”) – quanto de lugares – “Ayiti”, “Hispaniola (Little Spain)”, “Xaragua”, “La Navidad” e “Santo Domingo” – além dos nomes das caravelas de Colombo, presentes no excerto:

When Queen Isabella of Spain decided to invade the New World, she called the navigator Christopher Columbus and said to him, “I will give you three boats: the Nina, the Pinta, and the Santa Maria, along with a crew of ninety armed men. Go.

Discover and conquer the New World in the name of God and in the name of the Queen of Spain.”⁴ (ROUMAIN, 2012, p. 1).

Percebe-se, no trecho destacado, a escolha vocabular de enfrentamento da autora ao utilizar o vocábulo “*invade*” (invadir) para descrever, em sua narrativa híbrida, a decisão da rainha Isabel de Castela perante o “Novo Mundo”. Dizemos ser esta uma escolha vocabular “de enfrentamento”, por se configurar como contrária ao discurso historiográfico durante muito tempo predominante.

Jorge Baracutei Estevez, descendente Taíno, relata sua história à revista *National Geographic*⁵ e ressalta que os povos taínos não estão extintos, como registros da história equivocadamente afirmam. Jorge é líder da Higuayagua, uma organização taína de Nova York e da região do Caribe, e afirma:

Até hoje eu me lembro de voltar da escola após uma aula em que aprendemos sobre Colombo. Estava muito empolgado e tinha feito um desenho dos três navios. Ao chegar em casa, minha mãe me contou a história verdadeira. Fiquei chocado. Milhões de pessoas morreram por conta da sede de ouro e de reconhecimento daquele homem. É muito gratificante termos chegado a um ponto, hoje, em que a população no geral, e não só os caribenhos ou os indígenas, concorda que ele não é alguém que deva ser celebrado. (ESTEVEZ, 2019, n. p.).

O relato de Esteves vai ao encontro do que Fleck (2017) descreve sobre as narrativas híbridas de caráter crítico no contexto da América Latina, no qual a escrita de romances históricos não significa apenas se dedicar à produção de textos mistos de história e ficção para alimentar um mercado editorial propício para esse gênero, mas sim produzir releituras críticas do passado, desconstruindo, desmistificando, humanizando ou ridicularizando os heróis construídos pelo discurso historiográfico eurocêntrico e hegemônico do passado.

A tessitura da obra de Roumain estabelece linearidade, apresentando, inclusive, referências a datas históricas, como a chegada de Cristóvão Colombo à América, em 1492: “*Christopher Columbus, with his men, set foot on Ayiti in december 1492. He said, ‘I will call the island Hispaniola’ (Little Spain).*”⁶ (ROUMAIN, 2012, p. 3). A figura de Anacaona é

4 Nossa tradução livre: “Quando a Rainha Isabel da Espanha decidiu invadir o Novo Mundo, ela chamou o navegador Cristóvão Colombo e disse a ele, ‘eu lhe darei três barcos: o Nina, o Pinta e o Santa Maria, junto com uma tripulação de noventa homens armados. Vá. Descubra e conquiste o Novo Mundo, em nome de Deus e em nome da Rainha da Espanha.’” (ROUMAIN, 2012, p. 1).

5 ESTEVES, Jorge Baracutei. Conheça os ‘sobreviventes’ de um genocídio que nunca existiu. 2019. In: *National Geographic*. Disponível em:

<<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2019/10/sobreviventes-genocidio-no-papel-indigena-caribe-tainos-extintos-dna>>. Acesso em: 16 ago. de 2020.

6 Nossa tradução livre: “Cristóvão Colombo, com seus homens, chegou no Haiti em dezembro de 1492. Ele disse: ‘Chamarei a ilha de Hispaniola’ (Pequena Espanha).” (ROUMAIN, 2012, p. 3).

apresentada a partir de sua beleza e poder desde o início da diegese, como podemos observar no primeiro trecho da obra, apresentado a seguir:

*A long, long, long time ago, in the fifteenth century, on the island of Ayiti, lived a queen. Her name was Anacaona, which means “golden flower”. She was the prettiest woman of all of the Caribbean. All people should know her story, and children should remember her name for her courage, her intelligence, and her talents.*⁷ (ROUMAIN, 2012, p. 1).

Alguns traços da obra *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti* aproximam-se do romance histórico contemporâneo de mediação, ainda que esta se trate de uma modalidade de classificação da literatura adulta. Fleck (2017) define o romance de mediação como pertencente à fase crítica da trajetória do gênero romance histórico, mas sem contemplar as características predominantes no novo romance histórico latino-americano ou na metaficção historiográfica. Segundo Fleck (2017), a essência do romance histórico contemporâneo de mediação está na ação mediadora entre essas modalidades, sendo suas principais características as seguintes:

a) Uma releitura crítica verossímil do passado, que se afasta dos parâmetros dos cânones europeus, buscando a construção da verossimilhança (em grande parte abandonada pelas narrativas do novo romance histórico hispano-americano e pela metaficção historiográfica), em busca de autenticidade e apresentando uma renarrativização com base em perspectivas periféricas frente ao discurso historiográfico;

b) Uma narrativa linear do evento histórico recriado, seguindo uma linearidade cronológica dos eventos da diegese. Apesar de apresentar analepses e prolepses, tal manipulação do tempo não se configura em anacronias exageradas (como ocorre no novo romance-histórico hispano-americano ou na metaficção historiográfica);

c) Foco narrativo geralmente centralizado no ex-cêntrico, evidenciando perspectivas “vistas de baixo” (com base em Sharpe, 1992), privilegiando visões marginais, sem centrar-se em grandes personagens da história (como o fazem muitos novos romances históricos e algumas metaficções historiográficas);

d) Emprego de estratégias escriturais bakhtinianas, como a dialogia, a polifonia e a paródia;

7 Nossa tradução livre: “Há muito, muito, muito tempo, no século XV, na ilha Haiti, viveu uma rainha. Seu nome era Anacaona, que significa ‘flor dourada’. Ela era a mulher mais bonita de todo o Caribe. Todas as pessoas deveriam conhecer sua história, e as crianças deveriam se lembrar de seu nome por causa de sua coragem, inteligência e talentos.” (ROUMAIN, 2012, p. 1).

e) Presença de recursos metaficcionalis/metanarrativos, ou comentários do narrador sobre o processo de produção da obra, na intenção de localizar o leitor no espaço e tempo da narrativa e de conscientizá-lo de que ele está diante de uma construção discursiva.

Com base nas análises dos excertos anteriormente apresentados, as características do romance histórico de mediação que a obra de Roumain apresenta refletem uma releitura crítica verossímil do passado, uma vez que, com base em Fleck (2017), intenta a construção da verossimilhança, conferindo um tom de autenticidade aos eventos históricos narrativizados no romance, a partir da perspectiva periférica do povo taíno, antes ocultada pelo discurso historiográfico. O relato de Jorge Baracutei Estevez à revista National Geographic retrata, mais uma vez, esse espaço marginalizado ao qual o povo taíno foi subjugado pelo discurso historiográfico:

O povo que hoje chamamos de *taínos* descobriu Cristóvão Colombo e os espanhóis. Não foi Cristóvão Colombo que nos descobriu, pois estávamos em casa, e eles, perdidos no mar quando desembarcaram em nossas praias. É assim que encaramos essa questão – na História, porém, somos os descobertos. Os taínos são os povos falantes das línguas aruaques e habitantes da região do Caribe, que migraram da América do Sul ao longo de um período de 4 mil anos. (ESTEVEZ, 2019, n.p.).

Podemos perceber, portanto, que o foco narrativo evidencia uma perspectiva que privilegia a visão marginalizada da história de Anacaona e sua comunidade taína. Além disso, a obra estabelece uma narrativa linear do evento histórico recriado, relatando os eventos com uma linearidade cronológica, porém sem a presença de anacronias (analepses ou prolepses).

Percebe-se a utilização do recurso da metanarração quando a voz narrativa se refere à capital do Haiti (*Port-au-Prince*) como “**nossa** capital”, no trecho: “*Anacaona was a Taina. She was born in 1471 in Yaguana, today the town of Léogâne, located a few kilometers southwest of what is now our capital city, Port-au-Prince.*”⁸ (ROUMAIN, 2012, p. 5).

A linguagem utilizada na narrativa é fluída e coloquial, que confere ao leitor uma escrita mais acessível, e caracteriza uma característica semelhante ao que Fleck (2017) concebe como o romance histórico de mediação. A narrativa apresenta, ainda, intertextualidade com os registros históricos ao figurar personagens e datas provenientes de documentos como o Diário e as Cartas de Cristóvão Colombo, as Cartas de Hernán Cortés e os relatos do frei Bartolomeu de Las Casas.

⁸ Nossa tradução livre: “Anacaona era uma Taina. Ela nasceu em 1471 em Yaguana, hoje cidade de Léogâne, localizada a poucos quilômetros a sudoeste do que hoje é nossa capital, Porto Príncipe.” (ROUMAIN, 2012, p. 5)

Dessa maneira, baseando-nos na análise apresentada, consideramos possível classificar a obra de Roumain como uma narrativa híbrida de história e ficção, pertencente à literatura infantojuvenil haitiana, que apresenta traços característicos do romance histórico contemporâneo de mediação. Por se tratar de uma narrativa híbrida, faz-se importante apresentar, também, os enfrentamentos dessa narrativa ficcional com os dados histórico sob os quais é embasada.

Enfrentamentos da narrativa híbrida com os escritos oficiais

As obras em que Anacaona figura como protagonista apresentam ressignificações de sua figura, brevemente mencionada em documentos considerados oficiais. Um desses registros históricos que mencionam Anacaona de maneira irrisória são as *Cartas de Relación* (1519, 1520, 1522, 1524, 1526) de Hernán Cortés (1485-1547), explorador a serviço da coroa espanhola. Anacaona é descrita, na introdução da obra que compila as cartas de Cortés, como a “*reina viuda de Haití*” (rainha viúva do Haiti), no seguinte excerto:

‘Yo no vine aquí para cultivar la tierra como un labriego,’ le contestó Cortés, ‘sino para buscar oro.’ Esto sin embargo, Cortés aceptó poco después del mismo Ovando un repartimiento de indios en Daiguao, y la escribanía de la recién-fundada villa de Azua, haciéndose muy pronto acreedor á mayores mercedes por sus servicios en la guerra que contra Anacaona, reina viuda de Haití dirigía á la sazón Diego Velazquez.⁹ (CORTÉS, 1519-1526 [2019], p. 11).

O explorador Diego Velázquez de Cuéllar (1465-1524) foi enviado por Nicolás de Ovando - governador da ilha Hispaniola, nomeado pela coroa espanhola – para suprimir uma suposta rebelião dos nativos da ilha, conforme descreve López de Gómara (1552 [2007]):

Cortés a besarle las manos y a darle cuenta de su venida y de las cosas de Extremadura, y quedose allí por lo que Ovando le dijo; y de allí a poco se fue a la guerra que hacía Diego Velázquez en Aniguaigua, Buacaiarina y otras provincias que aún no estaban pacíficas, con el alzamiento de Anacoana, una viuda, grande señora.¹⁰ (LÓPEZ DE GÓMARA, 1552 [2007], p. 10).

⁹ Nossa tradução livre: “‘Não vim aqui para cultivar a terra como um camponês’, respondeu Cortés, ‘mas para procurar ouro.’ No entanto, Cortés aceitou do mesmo Ovando, logo depois, uma divisão dos índios em Daiguao, e o escritório da recém-fundada cidade de Azua, tornando-se imediatamente credor de maiores doações por seus serviços na guerra que Diego Velázquez liderava contra Anacaona, rainha viúva do Haiti.” (CORTÉS, 1519-1526 [2019], p. 11)

¹⁰ Nossa tradução livre: “Cortés, ao beijar-lhe as mãos e dar-se conta da sua vinda e das coisas da Extremadura, ali ficou pelo que lhe disse Ovando; e logo foi para a guerra que Diego Velázquez travava em Aniguaigua, Buacaiarina e outras províncias que ainda não estavam pacificadas, como o reino de Anacoana, uma viúva, grande senhora.” (GÓMARA, 1552 [2007], p. 10).

Cristóvão Colombo relatava o descobrimento de novas terras por meio de seu Diário de Bordo e das Cartas que escrevia à coroa espanhola em suas viagens ao continente americano, entre os anos de 1492 e 1506. Com base em documentos como os escritos de Colombo e os relatos de Las Casas, sabemos que Caonabó, marido de Anacaona, também foi morto pelos colonizadores espanhóis, o que ocorreu por ele ter sido considerado o responsável pelo desaparecimento, ou morte, dos tripulantes da nau Santa María, que Colombo havia deixado nessa ilha ao regressar à Espanha após a primeira viagem que fizera rumo às Índias Ocidentais, pois a embarcação havia naufragado e não havia espaço para todos na única caravela que ainda tinha à disposição. Esse acontecimento também é apresentado na obra de Roumain:

However, when Columbus went back to Ayiti in 1495, he saw his men dead on the beach and discovered La Navidad had been destroyed. What had happened during his absence? It could be that the settlers mistreated the Tainos—robbing them, beating the women, and forcing them to hard labor—and that the natives retaliated by killing all of the oppressors; or it could be that there was a rebellion among Columbus' men who then killed each other. Nevertheless, Caonabo, the cacike of Xaragua, Anacaona's spouse, was suspected of having organized an assault against the Spanish settlement La Navidad. He was captured and sent to Spain to be judged. He died at sea when the boat sank.¹¹ (ROUMAIN, 2012, p. 20).

A narrativa ficcionaliza a imagem de Nicolas Ovando por meio do seguinte excerto:

Anacaona was left to command the kingdom of Xaragua with eighty regional chiefs under her command. Her kingdom remained the only one that was not under the Spanish conquerors' rule until Nicolas Ovando was nominated governor of the island in 1502. Ovando sailed from Spain with a fleet of thirty ships and two thousand five hundred colonists. When he arrived in Hispaniola, he suppressed the natives' rebellion through a series of bloody campaigns and exceptional cruelty. From 500,000, the native population, who also died of smallpox, was reduced to 60,000.¹² (ROUMAIN, 2012, p. 21).

¹¹ Nossa tradução livre: “No entanto, quando Colombo voltou para o Haiti em 1495, viu seus homens mortos na praia e descobriu que La Navidad havia sido destruída. O que aconteceu durante sua ausência? Pode ser que os colonos maltrataram os taínos - roubando-os, espancando as mulheres e forçando-as a trabalhos pesados - e os nativos assassinaram todos os opressores; ou pode ser que tenha havido uma rebelião entre os homens de Colombo que então se mataram. No entanto, Caonabo, o cacique de Xaragua, marido de Anacaona, era suspeito de ter organizado um assalto contra o assentamento espanhol La Navidad. Ele foi capturado, enviado à Espanha para ser julgado e morreu no mar quando o barco afundou.” (ROUMAIN, 2012, p. 20)

¹² Nossa tradução livre: “Anacaona foi deixada para comandar o reino de Xaragua com oitenta chefes regionais sob seu comando. Seu reino permaneceu o único que não estava sob o domínio dos conquistadores espanhóis, até Nicolas Ovando ser nomeado governador da ilha em 1502. Ovando partiu da Espanha com uma frota de trinta navios e dois mil e quinhentos colonos. Quando ele chegou em Hispaniola, ele reprimiu a rebelião dos nativos por meio de uma série de campanhas sangrentas e crueldade excepcional. De 500.000, a população nativa, que também morreu de varíola, foi reduzida para 60.000.” (ROUMAIN, 2012, p. 21)

Os relatos de Bartolomeu de Las Casas, frade dominicano espanhol, considerado um defensor dos índios, também se figuram como documentos históricos que fazem menção à Anacaona. Segundo Las Casas (1552 [2011]), quando Colombo chegou à América, na Ilha Espanhola (Hispaniola), território da atual República Dominicana e do Haiti, ele teve o primeiro contato com os povos nativos. Na Ilha Espanhola havia cinco reinos principais, com cinco chefes aos quais obedeciam quase todos os outros senhores. Um desses reinos chamava-se Xaraguá, localizado no centro da ilha. Seu rei e senhor chamava-se Behechio, cuja irmã se chamava Anacaona. Estes dois irmãos prestaram grandes serviços aos reis de Castela e imensos benefícios aos cristãos, salvando-os de muitos perigos de morte. Depois da morte de Behechio, Anacaona assumiu o reino. Las Casas (1552 [2011]) narra o massacre no qual a comunidade chefiada por Anacaona foi dizimada e Anacaona enforcada.

Uma vez, aqui chegou o governador desta ilha, com sessenta a cavalo e mais trezentos peões; apenas aqueles a cavalo bastavam para assolar toda a ilha e a Terra Firme. E chegaram seguros mais de trezentos senhores a seu chamado; dentre eles, por engano, fez enfiar os maiores senhores dentro de uma casa de palha muito grande, e ali colocados, mandou atear fogo e os queimaram vivos. A todos os outros alancearam e passaram à espada com infinita gente, e à senhora Anacaona, para honrá-la, a enforcaram. (LAS CASAS, 1552 [2011], p. 246).

Segundo Las Casas (1552 [2011]), durante o sangrento episódio, alguns cristãos tentavam proteger as crianças, colocando-as nas ancas dos cavalos, mas os espanhóis as atingiam pelas costas com lanças e, depois de caídas ao chão, cortavam-lhes as pernas com uma espada. Alguns nativos que conseguiram fugir dessa desumana crueldade chegaram a uma pequena ilha cerca; o governador, porém, condenou todos estes que tentaram fugir a tornarem-se escravos. Roumain relata o mesmo evento ao qual Las Casas se refere por meio do seguinte trecho:

*He decided to bring under his control the last Taino stronghold, which was Anacaona's, and announced his visit to the caciquea. In order to honor him, the queen of Xaragua organized a sumptuous greeting ceremony which ended in a famous massacre where no one was spared – not the women, not the children, not the old people, not even the queen herself. The samba's kingdom was burned and reduced to ashes; she was captured and brought to Santo Domingo to be hanged and killed in 1503.*¹³ (ROUMAIN, 2012, p. 23).

¹³ Nossa tradução livre: “Ele decidiu tomar o controle da última fortaleza Taíno, que era de Anacaona, e anunciou sua visita à cacica. Para homenageá-lo, a rainha de Xaragua organizou uma suntuosa cerimônia de saudação, que culminou em um famoso massacre em que ninguém foi poupado - nem as mulheres, nem as crianças, nem os velhos, nem mesmo a própria rainha. O reino do samba foi queimado e reduzido a cinzas; ela foi capturada e levada a Santo Domingo para ser enforcada e morta em 1503.” (ROUMAIN, 2012, p. 23).

A autora ficcionaliza um evento que levanta controvérsias em seus registros. Enquanto exploradores como Hernán Cortés e Cristóvão Colombo oferecem pouca atenção a esse momento na história da conquista, Las Casas o descreve como o genocídio que Roumain e outros escritores ficcionalizam na literatura a partir de um mesmo viés – apresentá-lo como o genocídio em que toda uma comunidade foi dizimada.

Comentários finais

Ao considerarmos a análise realizada da obra *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti* (2012), escrita por Maryse Noël Roumain, consideramos possível classificá-la como uma narrativa híbrida de história e ficção da literatura infantojuvenil, que apresenta traços próximos aos do romance histórico contemporâneo de mediação, modalidade da literatura adulta. A diegese apresenta linearidade, narrativa fluída e coloquial, intertextualidade, recursos metanarrativos e verossimilhança (com base nos pressupostos de Fleck, 2017). O foco narrativo evidencia uma perspectiva anteriormente marginalizada da história de Anacaona e sua comunidade taína, o que corrobora o processo de descolonização da América a partir das ressignificações de figuras históricas como Anacaona na literatura.

Podemos dizer “anteriormente marginalizada” como resultado da análise comparatista do *corpus*, na qual se estabeleceram relações de enfrentamento com documentos oficiais como o Diário de bordo (1492-1493) e as Cartas (1493-1506), de Cristóvão Colombo, as *Cartas de Relación* (1519, 1520, 1522, 1524, 1526), de Hernán Cortés, e os relatos do frei Bartolomeu de Las Casas (1552 [2011]). Assim como há contradições entre esses próprios registros, a obra de Roumain estabelece uma reelaboração do discurso histórico ao apresentar uma perspectiva “vista de baixo” – com base em Sharpe (1992) – dando voz à figura de Anacaona, a qual, apesar de ter sido frequentemente subjugada pelo discurso historiográfico, representou uma das figuras femininas mais importantes enquanto símbolo de resistência feminina nativa perante a colonização europeia na América. Ressaltamos, ainda, a importância da leitura e análise de narrativas híbridas infantojuvenis de história e ficção como vias para uma descolonização ainda necessária na formação da identidade de povos latino-americanos e para uma formação leitora que possibilita conscientizar inclusive os leitores mais jovens.

Referências

CORTÉS, Hernán. *Cartas y relaciones de Hernán Cortés al Emperador Carlos V. 1519-1526*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2019. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc0974782>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

COELHO, Nely Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

ESTEVEZ, Jorge Baracutei. Conheça os “sobreviventes” de um genocídio que nunca existiu. 2019. In: *National Geographic*. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2019/10/sobreviventes-genocidio-no-papel-indigena-caribe-tainos-extintos-dna>>. Acesso em: 16 ago. de 2020.

FLECK, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

LAS CASAS, Frei Bartolomeu de. *O paraíso destruído: a sangrenta história da conquista da América Espanhola. 1552*. Tradução de Heraldo Barbuy. Porto Alegre. L&PM. 2011.

LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Historia de la conquista de México. 1552*. Venezuela: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2007.

LUFT, Gabriela. A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 36, p. 111-130, jun./dez. 2010.

ROUMAIN, Maryse Noël. *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti*. Estados Unidos: Trafford Publishing, 2012.

VARELA, Consuelo. *Cristóbal Colón: textos y documentos completos*. Ed. Consuelo Varela. Nuevas Cartas. Ed. Juan Gil. 1492-1506. Madrid: Alianza Universidad, 1997.

ZILBERMAN, R. *Introduzindo a literatura infanto-juvenil: literatura infanto-juvenil, o leitor e a qualidade artística*. Perspectiva, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 96-102, jan/dez, 1985. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10106/9326>>. Acesso em: 07 out. 2020.

Recebido em 06 de novembro de 2021

Aceito em 03 de fevereiro de 2022